

SYMPHYTUM OFFICINALE, SUA TOXICOLOGIA E A RESPECTIVA PATOGENESIA REGISTRADA NA LITERATURA HOMEOPÁTICA

Gilberto Luiz Posetti
UNESP — Araraquara

IHFL — Ribeirão Preto Pesquisador (Bolsita) do CNPq

S*ymphytum officinale* Ledeb, é planta da família Borraginaceae, conhecida popularmente por "confrey", consólida, consólida maior e orelha de asno⁽¹⁾. O nome consólida provém do latim e significa consolidar, robustecer⁽¹⁾. É nativa na Europa e Ásia tendo sido introduzida e difundida em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil, em decorrência de seu uso como fitoterápico e também como planta forrageira que favorece a lactação. O "confrey" é vegetal que há séculos vem sendo utilizado como auxiliar no tratamento de fraturas ósseas e de úlceras e, mais recentemente, em inúmeras outras patologias, tais como: artrites, litíase renal, gangrena, ferimentos dos olhos, anemia, tuberculose, câncer, etc.⁽²⁾ Esse vegetal é também consumido sob a forma de saladas sendo ainda encontrado em farmácia "in natura", como raiz ou folhas ou sob a forma de diferentes preparações farmacêuticas, tais como: creme, pomada, loção capilar, cápsula gelatinosa, tintura, tintura capilar, etc.

Alguns autores recomendam o seu uso na dieta regular, entretanto, esta e muitas outras de suas indicações e usos são folclóricos não havendo estudos acurados relativamente a muitas de suas aplicações e propriedades. Sabe-se, no entanto, que a ingestão regular do vegetal, em decorrência de sua composição química, pode provocar intoxicações hepáticas e até mesmo câncer⁽²⁾.

Symphytum officinale é planta que se desenvolve bem em

locais úmidos, na beira de córregos e riachos, apresentando-se com talos erectos e carnosos, de 30 a 20 cm de altura e que se ramificam apenas no ápice. As folhas, alternas e largas, são ovais, lanceoladas. Tanto as folhas como os talos estão cobertos de pêlos duros. As flores são de cor branca, rosa ou violeta. O rizoma, que em seu interior é branco cremoso, e escuro na parte externa, é utilizado fresco ou seco^(1,2,3). A parte comumente utilizada do vegetal para a preparação de medicamento é o rizoma, muito embora, no Brasil se empregue largamente a folha que também tem uso ainda como alimento humano ou animal.

A composição química da consólida maior ou "confrey" é bastante complexa, sendo que o rizoma é a parte mais rica em substâncias ativas. Entre outros, esse vegetal apresenta as seguintes substâncias ou grupos de substâncias: oses e derivados (açúcares redutores, sacarose, um polímero da frutose e amido), traços de ácidos fenólicos, alantoína, diureida glioxílica, beta-sitosterol e triterpenóides, alcalóides derivados da pirrolizidina⁽³⁾ (semelhantes aos alcalóides encontrados em plantas dos gêneros Senecio e Crotalaria, entre outros) que são responsáveis pela sua hepatotoxicidade, entre eles a retronecina, alcalóide pirrolizidínico presente em diferentes espécies de Senecio^(3,4). Foram isolados diversos alcalóides pirrolizidínicos insaturados do "confrey"⁽²⁾ constituindo misturas de ésteres acíclicos relacionados com retronecina, sendo os principais: a licopromina, a intermedina e seus acetil derivados (7-acetil-licopsamina e 7-acetil in-

termedina) mais o di-éster sinfinitina⁽²⁾.

Sabe-se que os alcalóides pirrolizidínicos são tóxicos e muitos vegetais que contêm alta concentração de tais compostos são conhecidos de longa data como responsáveis pela morte lenta de animais, eqüinos e bovinos, principalmente, pelos danos severos que provocam no parênquima hepático^(2,5,6). É justamente na presença desses alcalóides pirrolizidínicos que reside a toxicidade da consólida ou "confrey". Alcalóides pirrolizidínicos podem ser ingeridos acidentalmente com cereais contaminados ou normalmente pelo uso de ervas medicinais ou de preparações farmacêuticas que as contenham. Sobre o assunto, especificamente sobre os danos causados ao homem pelos alcalóides pirrolizidínicos, dos quais *Symphytum officinale* é representante, a literatura é vasta, considerando principalmente que tais compostos ocorrem em diferentes famílias, gêneros e espécies, tais como as espécies do gênero Senecio (Compositae)^(7,9) dos gêneros Amsinckia, Cynoglossum, Heliotropium e Trichodesma, *Symphytum* (Borraginaceae) e *Crotalia* (Fagaceae)^(7,8,9).

Sobre a toxicologia do "confrey" a literatura registra que esse vegetal é hepatotóxico^(2,5,6,7,8,9) podendo levar ao aparecimento de câncer hepático. Há ainda registro de casos de efeitos secundários e indesejáveis dessa droga pelo uso regular de cápsulas desse vegetal como suplemento alimentar ou pela ingestão das folhas como alimento⁽²⁾, bem como relato feito ao autor por consumidor do "confrey" como chá, tendo ocorrido náuseas e vômitos.

A ação tóxica sobre o fígado promovida por alcalóides pirrolizidínicos insaturados dar-se-ia por sua conversão em pirrol e derivados ao nível do parênquima hepático. Tais derivados pirrólicos têm ação alquilante muito baixa reagindo rapidamente com os constituintes da célula hepática destruindo-a como conseqüência, inibindo a função hepática e causando desenvolvimento de tumoração. As enzimas hepáticas que normalmente inibem ou desativam a ação de substâncias hepatotóxicas, no caso específico de alcalóides pirrolizidínicos insaturados, transformam-nos em substâncias de natureza pirrólica as quais agem como tóxicos hepáticos⁽²⁾.

Apesar da comprovação tóxica de *Symphytum officinale*, especialmente a ação hepatotóxica, a literatura homeopática, mesmo a mais atual, registra patogenesis restrita desse medicamento, como a sua ação sobre os ossos, sendo, em decorrência disso, indicado como medicamento específico para casos de traumatologia óssea (fraturas), retardo na consolidação de fraturas, dores periosteas, sendo considerado medicamento de ação limitada^(3,10,11,12). Além dessas indicações há aquelas relativas às dores da amputação, bem como em traumatismos oculares⁽¹¹⁾ e em aplicações externas no prurido anal^(10 e 11).

Tendo em vista os dados toxicológicos relatados e registrados na literatura mais recente e as aplicações fitoterápicas desse vegetal em diferentes países, seria interessante que se retomasse o estudo da patogenesis de *Symphytum officinale*, inclusive de acordo com protocolo rígido que vem sendo adotado atualmente a partir dos últimos congressos internacionais e conforme publicações mais recentes^(13,14,15).

Em decorrência do já citado poder toxicológico do "confrey", a Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária, através do Departamento Técnico Normativo, baixou a Portaria nº 19, de

3.1.92, seguida de comunicado técnico, em 15.2.92⁽¹⁶⁾, proibindo a fabricação, a venda ou comercialização de preparações à base de *Symphytum officinale* destinadas a uso interno. De acordo com aquela portaria e comunicado técnico, é permitida, no entanto, a produção e a comercialização de produtos destinados a uso externo. Tais restrições e limitações se devem, justamente, à ocorrência de alcalóides pirrolizidínicos no "confrey", os quais podem le-

var à necrose centro-lobular produzindo lesões hepáticas graves. Na época houve reação por parte de farmacêuticos e médicos homeopatas solicitando às S.N.V.S. a revisão da citada portaria tendo em vista as características próprias do medicamento homeopático. Até hoje, pessoalmente, não temos informações complementares sobre o assunto, mesmo após consulta feita junto a setor da fiscalização sanitária no Estado de São Paulo.

Referências Bibliográficas

- 1 THOMSON, W.A.R. *Guia Practica Ilustrada de las Plantas Medicinales*. Barcelona: Blume, 1981, p. 103.
- 2 VOLLMER; J.J.; STEINER, N.C.; LARSEN, G.Y.; MUIRHEAD, K.M. Pyrrolizidine Alkaloids: Testing for Toxic Constituents of Confrey. *J. Chemical Education*, v. 64, nº 12, p. 1027-1039, 1987.
- 3 GUERMONPREZ, M.; PINKAS; M.; TORCK, M. *Matière Médicale Homéopathique*. Paris: Doin, 1985, p. 725.
- 4 RODER; E.; WIEDENFELD, H.; PFITZER, A. Doriasenine, a Pyrrolizidine Alkaloid from *Seneciodoria*. *Phytochemistry*, v. 27, nº 12, p. 4000-4001, 1988.
- 5 ANDRADE; S.O.; RODRIGUES de MATTOS, J. Contribuição ao Estudo de Plantas Tóxicas no Estado de São Paulo. *Instituto Biológico*, São Paulo, v. 122, p. 21, 1968.
- 6 SCAVONE; O.; PANIZZA; S. *Plantas Tóxicas*. São Paulo: USP, 1980, p. 31.
- 7 HARRIS, P.N.; CHEN, K.K. Development of Hepatic Tumors of *Senecio longilobus*. *Cancer Res.*, v. 30, p. 2881-2886, 1970.
- 8 SCHOENTAL; R. Toxicology and Carcinogenic Action of Pyrrolizidine Alkaloids. *Cancer Res.*, v. 28, p. 2237-2246, 1968.
- 9 LEWIS, W.H.; ELVIN-LEWIS P.F. *Medical Botany, Plants Affecting Man's Health*. New York: John Wiley, 1977, p. 120.
- 10 HORVILLEUR, A. *Matière Médicale Homéopathique*. Lyon, Camugli: 1979, p. 476.
- 11 HORVILLEUR, A. *Petite Encyclopédie Homéopathique*. Alain Lyon Horvilleur: 1986, p. 187.
- 12 HANSEN, O. *A Text-Book of Materia Medica and Therapeutics of Rare Homeopathic Remedies*. Homeopathic, 1988, p. 107.
- 13 DANTAS, F. Experimentation pathogénétique: abord méthodologique. *J. OHMI*, v. 1 nº 2, p. 12-14, 1988.
- 14 BECKER; L.S. Pesquisa experimental e seus procedimentos metodológicos. *Revista de Homeopatia*, v. 52, nº 3, p. 96, 1988.
- 15 PUSTIGLIONE, M.; KOS-SAK ROMANACH, A. Avaliação da ação de altas diluições succussionadas (ABD) na insônia através da técnica do "duplo-cego" e "cruzamento" placebo controlada. *Gazeta Homeopática*, v. 4, nº 1/2, p. 1-3, 1989.
- 16 Brasília, 5.2.92; p. 12, 1992. BRASIL, *Diário Oficial da União*.